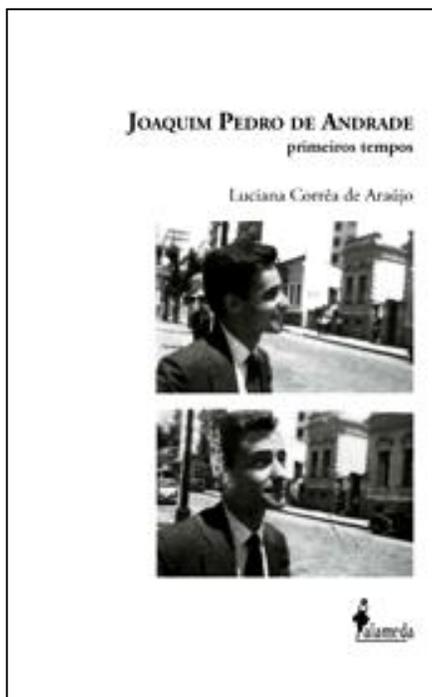


Sobre Araújo, Luciana Corrêa de. *Joaquim Pedro de Andrade: primeiros tempos*. São Paulo: Alameda Editorial, 2013, 294 pp., ISBN: 978-85-7939-154-5.

por Mônica Brincalepe Campo*



Joaquim Pedro de Andrade: primeiros tempos é o resultado em livro de uma tese de doutoramento que foi realizada no final dos anos 1990 e defendida por Luciana Corrêa de Araújo, professora e pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A reformulação é fruto de cuidadosa releitura que a autora promoveu com a preocupação de tornar acessível a público mais amplo a trajetória de formação deste cineasta. Ao pesquisar o início da carreira do realizador ela buscou compreender não somente o percurso de formação que o faria um dos mais

reconhecidos de sua geração, como também acabou por proporcionar uma imersão no espaço cultural, político e social em que isso se deu.

A partir de um recorte cronológico, em que seguimos desde o nascimento e a inserção familiar de Joaquim Pedro de Andrade, Araújo elucida as primeiras obras, cruzando os diálogos realizados com os amigos convivas em meio à trama vivenciada na sociedade brasileira e, mais precisamente, da elite intelectual carioca de meados do século XX. Portanto, de uma matriz tradicional de percurso histórico, ou cronológico, a pesquisadora amplia o quadro no qual o cineasta participa ativamente e está imerso. Neste Brasil marcado por projetos nacionalistas, desenvolvimentistas e reformistas, de

crescente participação social e política, os convivas de Joaquim Pedro se envolvem em demandas de políticas públicas para o desenvolvimento para além da produção cinematográfica brasileira, com uma preocupação com a produção artística nacional em suas diversas características.

Joaquim Pedro de Andrade nasceu em uma família tradicional. Dr. Rodrigo, pai de Joaquim Pedro e participante da geração Modernista, foi escolhido por Gustavo Capanema durante o governo de Getúlio Vargas nos anos 1930, em indicação de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, como diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), cargo que ocupou por três décadas. Manuel Bandeira era padrinho de Quinzinho (como Joaquim Pedro era chamado em âmbito familiar), e estes laços de relacionamentos serão fundamentais para compreender as possibilidades que forjam o cineasta. A erudição, o gosto pela leitura, o olhar crítico sobre a sociedade e a cultura, as escolhas temáticas, as soluções e os projetos desenvolvidos, todos estes tópicos estiveram marcados por estas relações. O convívio entre pai e filho é particularmente intenso e exigente em relação ao diálogo intelectual por parte do Dr. Rodrigo, e marcou a própria autocrítica na qual o cineasta sempre pautou sua carreira profissional como, também, sua vida.

Entretanto, a primeira carreira escolhida por Joaquim Pedro não foi a de cineasta, mas a Física. Lembremos que, após o fim da II Guerra Mundial e da deflagração da era atômica, a Física era uma formação extremamente atrativa. Contudo, mesmo tendo finalizado seu percurso acadêmico e atuado na área como profissional, durante os anos de graduação um dos maiores focos de atenção do jovem estudante era o cineclubes da faculdade. Anos antes, outro cineclubes, o Chaplin-Club, motivava o círculo de amigos do Dr. Rodrigo, participantes estes com os quais Joaquim conviveu. De certa maneira, a geração de Joaquim Pedro permanecia nesta prática de cinefilia cultivada no centro de estudos da Filosofia em que a Física estava alocada, e a preocupação da composição das imagens para o discurso filmico nortearia boa

parte das preocupações que integrariam o discurso elaborado pelo emergente cineasta.

O livro de Araújo foi dividido em cinco capítulos que marcam os anos formadores de Joaquim Pedro. Após o primeiro capítulo que discorre justamente sobre esses laços familiares, os anos na Física e o berço cultural, a autora segue pelo percurso dos primeiros filmes documentários até a opção do primeiro longa em ficção, dedicando a cada um desses filmes um capítulo. O capítulo 2 – *O Mestre de Apipucos* e *O Poeta do Castelo* (1959) desenvolve a análise dos dois primeiros curtas que costumam ser veiculados em conjunto, criando a errônea ideia de que seria somente um filme referente aos dois intelectuais brasileiros: Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. A partir dos laços de amizade familiar (o compadre e o padrinho), Joaquim Pedro obteve de seus convidados a permissão para a elaboração da obra fílmica e, em um concurso de roteiros, a aprovação para sua realização com financiamento. O destaque da análise de Araújo sobre estas obras recai sobre o resgate dos roteiros originais e a comparação com o produto final realizado, onde o projeto proposto pelo diretor/roteirista obtém o intuito original do diretor, cumpre a tese sociológica sobre o Brasil e constrói uma leitura poética a partir das imagens elaboradas nas obras.

O filme ao qual se refere o capítulo 3 – *Couro de Gato* – foi lançado como um dos curtas pertencentes ao *Cinco Vezes Favela* (1962), obra elaborada e produzida pelo Centro Popular de Cultura (CPC) a partir da junção de cinco curtas. O filme de Joaquim Pedro foi marcado por sua estadia de estudos em Paris e todo o périplo para conseguir finalizar a obra. Nesta produção, a reflexão cinematográfica com referência a obras do cinema francês dialoga intensamente com a leitura sociológica do Brasil do início dos anos 1960.

O capítulo 4 – *Garrincha, Alegria do Povo* (1963) foi originalmente pretendido como um documentário ao estilo do Cinema Direto americano. Joaquim Pedro, após ter se decepcionado com os estudos em Paris, buscou ampliar seu

escopo indo primeiramente para a Inglaterra e, em seguida, para os EUA, onde participou ativamente junto aos irmãos Maysles como assistente. Dessa experiência nasceu o projeto realizado ao retornar ao Brasil. Ele pretendia desenvolver aqui a experiência lá praticada com os Maysles; entretanto, o resultado foi frustrante ao esbarrar nos limites de nossa tecnologia para o pretendido pelo diretor como, também, na não empatia do cineasta para com um tema que demandava abordagem popular. Da pesquisa de Araújo cabe ressaltar o esforço em obter as entrevistas e os documentos que demonstrassem essa passagem de Joaquim Pedro pelos EUA e o encontro com os irmãos Maysles.

Percebe-se que este início de carreira de Joaquim Pedro de Andrade é marcado por filmes que estão no âmbito dos documentários, e mesmo *Couro de Gato* pode ser interpretado no caráter sociológico que permeava aqueles anos, com um olhar sobre a periferia social e espacial da cidade grande. Após estas experiências é que o cineasta resolve elaborar sua primeira ficção, a qual terá por origem e inspiração um poema de Carlos Drummond de Andrade. Seria a explicitação de uma marca que afloraria, mas que, desde o início, esteve presente: a do cineasta leitor. Em Joaquim Pedro se encontra a experiência erudita da apropriação da leitura preocupada em construir representações cinematográficas onde as imagens exprimiriam a sensação do poético. O capítulo 5 – *O Padre e a Moça* (1966) trata essa experiência como o momento de superação deste motivo inicial da carreira do cineasta e o início de novas problemáticas e abordagens, em que a expressão das imagens formam um discurso poético a representar o leitor atento que soube se apropriar da leitura como inspiração. O filme de Joaquim Pedro não pretende ser uma ilustração do poema, mas sua representação poética em forma de imagens carregadas de significação.

Em todos estes capítulos a autora seguirá com a mesma estrutura básica, modificada sutilmente dependendo da demanda de cada um dos problemas

enfrentados. Os capítulos foram tecidos a partir da articulação de linhas compostas desde a escolha do tema pelo cineasta, das relações estabelecidas para a pesquisa, a composição e a execução minuciosa do roteiro, como ainda segue com o olhar sobre o entorno (anos 1950/60, respectivamente final e início de décadas) e as questões históricas referentes ao momento da produção, a organização da sociedade, os temas políticos do momento e os seus debates. Preocupada também com o estudo das correntes cinematográficas internacionais, a produção em si e a filmagem, montagem e edição final, a análise fílmica procura esclarecer o específico fílmico do cineasta e das obras resultantes, fechando com a recepção dos filmes, analisando a circulação e a fortuna crítica referentes aos mesmos. Todos estes tópicos foram abordados com minuciosa pesquisa documental fartamente referenciada e sempre generosa em sua explicitação para que outros pesquisadores possam vir a se debruçar sobre novas questões e possibilidades outras de pesquisa. A investigação utiliza depoimentos colhidos pessoalmente pela pesquisadora, levantamento bibliográfico, artigos e críticas contemporâneas, bibliografia referente direta e indiretamente a Joaquim Pedro, como também a produção cinematográfica do período. Entretanto, cabe dizer que mesmo com a fartura deste trabalho, Araújo não pretendeu elaborar a obra total ou definitiva, mas está preocupada em sempre permitir ao leitor atento a observação de como se dá sua construção, descortinando costuras realizadas e dobras da elaboração. Assim, Luciana Correa de Araújo deixa aparente o percurso empreendido, permitindo que a partir do trabalho por ela realizado diversas novas pesquisas sejam desenvolvidas por aqueles que por ventura venham a se interessar por esta obra.

* Mônica Brincalpe Campo é professora na Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História (UFU – Inhis). Sua tese de doutorado, defendida em dezembro de 2010 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), intitula-se *História e Cinema: O tempo como representação em Lucrecia Martel e Beto Brant* e está disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000783525>. E-mail: monicampo10@gmail.com.